

## O VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA DA UEMOA ENTRE 1991, 2001, 2010 e 2016

### THE GROSS VALUE OF UEMOA AGRICULTURAL PRODUCTION BETWEEN 1991, 2001, 2010 AND 2016

Marcelino Armindo Monteiro  
Lucir Reinaldo Alves  
Moacir Moacir Piffer

**Resumo:** O objetivo do trabalho foi analisar a localização e a especialização produtiva por meio de Valor Bruto da Produção (VBP) das 15 principais atividades nos países da União Económica e Monetária do Oeste Africano (UEMOA) nos anos de 1991, 2001, 2010 e 2016. Para isso, foi utilizado a base de dados da FAOSTATS e BANCO MUNDIAL. Na análise foram aplicados os métodos de análise regional, com os indicadores: Quociente Locacional (QL); Coeficiente de Localização (CL) e de Redistribuição (CR); Coeficiente de Especialização (CE); e, por fim o Coeficiente de Reestruturação (CReest.). Os resultados mostraram que os países da UEMOA apresentavam diferentes tipos de culturas, tiveram QLs > 1 acima de quatro atividades. Na análise de CE, a Guiné-Bissau estava com valor muito próximo de um (1) indicando a estrutura produtiva diferente da UEMOA. Na análise da CReest., mostrou sinais de mudanças nos outros países da União, mas no Benin, Costa do Marfim, Guiné-Bissau, e o Níger foram os que onde praticamente se percebeu a inexistência das mudanças.

**Palavras-chave:** UEMOA. VBP. Estrutura produtiva. Desenvolvimento Regional.

**Abstract:** The objective of this work was to analyze the location and the productive specialization through the Gross Value of Production (VBP) of the 15 main activities in the countries of the West African Economic and Monetary Union (UEMOA) in 1991, 2001, 2010 and 2016. For this, the database of FAOSTATS and WORLD BANK was used. In the analysis were applied the methods of regional analysis, with the indicators: Locational Quotient (QL); Coefficient of Location (CL) and Redistribution (CR); Coefficient of Specialization (CE); and, finally, the Coefficient of Restructuring (CReest.). The results showed that UEMOA countries presented different types of cultures, had QLs > 1 above four activities. In the EC analysis, Guinea-Bissau was very close to one (1) indicating the different productive structure of WAEMU. In CReest's analysis, it showed signs of change in other EU countries, but in Benin, Côte d'Ivoire, Guinea Bissau, and Niger were the ones where it was practically realized that there were no changes.

**Keywords:** UEMOA. VBP. Productive structure. Regional development.



## INTRODUÇÃO

Nos países da África Ocidental, em especial da União Econômica e Monetária dos Estados da África Ocidental (UEMOA), a maioria da populacional ainda está nas zonas rurais. E a criação da UEMOA ocorreu no final do século XIX, nos tempos em que os sete dos oito países ainda faziam parte da África Ocidental Francesa. A Guiné-Bissau é o único como falante da língua Portuguesa. Em 1945 a França criou a moeda Franco das Colônias Francesa em África (FCFA), para circular nestes países da África Ocidental e Central. O Tratado Modificado da UEMOA, de 29 de janeiro de 2003, considera membro da união os países assinantes deste tratado: Benin, Burkina Faso, Costa do Marfim, Guiné-Bissau, Mali, Níger, Senegal e Togo (UEMOA, 2003).

A integração regional destes países constitui um marco na luta contra diferentes problemas em comum e passa a ser visto como um instrumento que pode ajudar na resolução destes problemas. As integrações regionais são vistas como a forma de redimir abertura de mercado sem condições interna para tal (NOBRE, 2007; PEREIRA, 2013).

A abertura de mercado que, em maior parte, beneficiou os países mais industrializados e prejudicou os mais pobres desta região. Por outro lado, a integração permitiu constatar sinais de uma outra dinâmica interna, vinda dos próprios africanos, um compromisso dos africanos para uma África mais estável, mais equitativa, com olhar para inserir-se na economia global, não depender excessivamente das importações, no abastecimento do mercado interno (NSOULI, 1989; NOBRE, 2007). O objetivo do trabalho foi analisar a localização e a especialização produtiva por meio de Valor Bruto da Produção (VBP) das 15 principais atividades nos países da União Econômica e Monetária do Oeste Africano (UEMOA) nos anos de 1991, 2001, 2010 e 2016.

São cinco pontos além desta introdução. Iniciado com as teorias de polos de crescimento e das bases de exportação; seguindo de discussão de desenvolvimento rural com enfoque no endógeno e exógeno; no terceiro a metodologia; o quinto ponto das cartelistas das atividades produtivas da UEMOA; e por fim as conclusões.

## 2. A TEORIA DOS POLOS DE CRESCIMENTO E DA BASE DE EXPORTAÇÃO: FRANÇOIS PERROUX E DOUGLASS NORTH

Já de forma crítica à interpretação, sobre alguns economistas, ao considerarem o crescimento homogêneo em todos os lugares, pelo contrário François Perroux (1955), entende que o desenvolvimento é desigual, não ocorre da mesma forma em todos os lugares, acontece de formas variadas e, ao longo de tempo, com as taxas de crescimento distintas para indústrias diferentes ao longo de mesmo período ou períodos sucessivos.

Mesmo que achar que se alcançará uniformidade, conforme defendido por Celso Furtado (1956), é simplesmente uma utopia, o crescimento uniforme entre as regiões não existe. Porque as forças de desenvolvimento não se efetivam de forma linear, insto que dizer que, o crescimento de cada região acontece de forma distinta da outra em períodos diferentes.

As observações de alguns autores como Perroux, a indústria motriz tem a capacidade de inovar de tal forma que, que ajuda no desenvolvimento da região. Assim, permitir relações técnicas entre as empresas locais, os efeitos da aglomeração (economia de escala e de aglomeração), efeito técnicos *linkages* (*backward linkages* e *forward linkages*), a relação com as empresas fornecedores da matéria-prima, efeitos para trás e aqueles que trabalham para colocar o produto junto aos consumidores, efeitos para frente (PERROUX, 1955).

Por outro lado, Paelinck (1977), distingue que a interpretação de Perroux se confirma em diferentes aplicações na prática, em publicações pelas quais o polo de crescimento, como unidades motrizes, cria efeitos de encadeamento sobre outros conjuntos no espaço econômico e geográfico. Cruz Lima e Simões (2010), Liberato (2004) considera que para Perroux, os polos de crescimento constituem-se como peça fundamental no processo de desenvolvimento.

Para Alves (2016), o impacto de transporte ligando polos e outros pontos do território envolvem investimento para melhor expandir a capacidade de rede de transporte para responder ações da indústria motriz. Nesta abordagem, cabe aqui, depois de Perroux trazer as ideias de Douglass C. North. Este autor em um dos seus trabalhos de 1955, intitulado *Location theory and regional economic growth*, aborda a teoria de localização e o crescimento econômico nos Estados Unidos.

Inicialmente, é questionado da forma como esta teoria é abordada nos Estados Unidos pelos teóricos locais da época e depois o papel da exportação no desenvolvimento econômico daquele país. Para North (1955), o produto de exportação é fundamental para o crescimento



de uma região em consequência do desenvolvimento do país. A região deve, inicialmente, conhecer seu potencial e criar mecanismos técnicos para os produtos de exportação e, com isso, fortalecer a sua base de exportação.

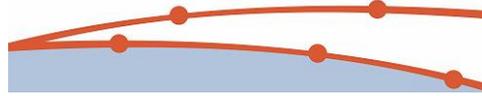
Os Estados Unidos, diferente da região europeia, iniciou seu processo de colonização como uma economia capitalista com o foco específico na exportação dos seus produtos agrícolas. North (1955), avalia o caso do Pacífico Noroeste do país. Esta região dos Estados Unidos, logo no início, tinha seus mercados a milhares de distância. Para desenvolverem seus produtos de exportação, aplicavam o procedimento típico de experimentação até chegar a um produto ideal para o mercado internacional. O apoio do governo federal e estadual é indispensável para a construção de canais, das ferrovias, para melhoria nos rios e ancoradouros.

O crescimento de uma região está vinculado, principalmente, com o sucesso da sua base de exportação. E a sua expansão dependerá do crescimento da demanda dos seus bens exportados. A base de exportação desempenhará o papel crucial no processo de desenvolvimento econômico do país ou da região, principalmente, na sua renda, sua dinâmica da produção local e o fluxo da população vindos das outras regiões ou países (NORTH, 1955).

Para Desbiens e Ferrera de Lima (2004), a região tem a necessidade de produzir excedentes, desta forma, tentar atingir ou colocar seus produtos excedentes nos mercados externos. Para alcançar estes excedentes de produção, segundo o autor, tudo passa por um movimento histórico de expansão de mercado, por meio da especialização acompanhada por um sistema avançado de conhecimento. Para explicar este caso, apresentaram-se cinco estágios de desenvolvimento discutido por North (1955), que considera estes estágios não explicativos no caso do processo de desenvolvimento da economia dos Estados Unidos.

Para Kon (1999), na fase de reorganização da economia rural para industrial, em algumas sociedades, as mudanças consideráveis em direção ao setor terciário, ocorrem com mais ênfase no emprego e não no produto. Piffer (2009), analisou os cinco estágios de desenvolvimento, como Alves (2016, p. 50), ao analisar as etapas de polarização, na medida em que estes pontos se formam como cidades, a forma de produção agrícola acompanha o processo na melhoria da técnica produtiva. Eberhardt (2016), segue o mesmo caminho, mas usando os estágios de desenvolvimento da linha de Rostow. Que de igual modo, não se diferencia muito das outras anteriormente citados.

Para Myrdal (1975), a mobilidade dos fatores produtivos conduz os efeitos perversos de desenvolvimento. A causação circular e cumulativa produz uma modificação no território,



induz, essencialmente, em outra modificação que conduz o sistema de forma ampliada na direção inicial. Desta forma, Myrdal (1957), defende a criação de políticas públicas intervencionistas que contraria ou minimiza estes efeitos negativos sobre as regiões em desenvolvimento.

Albert O. Hirschman (1958), examina a causa de transmissão de crescimento de uma região a outra. Como François Perroux (1955), ele parte do pressuposto de que as regiões ou países não atingem o progresso econômico ao mesmo tempo. Tal como Myrdal (1975), Hirschman (1977), considera a tendência do crescimento se processarem um período longo de tempo, entre um determinado subgrupo (região ou país), ao mesmo tempo, que perdura o atraso em outros subgrupos.

Assim, o avanço no crescimento do Norte tende a causar sérias repercussões econômicas no Sul. Sendo estas favoráveis ou negativas: as favoráveis assentam no aumento de compres ou investimento no Sul, que permite fluir mais a economia nortista; o Norte absorve o desemprego disfarçado do Sul, com isso, aumenta a sua produtividade marginal de trabalho e pressiona o aumento de níveis do consumo *per capita* de Sul. O progresso nortista retirará do Sul seus técnicos e administradores chaves, seus empresários mais jovens e, com a saída deste grupo de recursos humanos e força de trabalho, a perda do Sul será sempre maior que os ganhos do Norte (HIRSCHMAN, 1977).

### **3. DESENVOLVIMENTO RURAL COMO ENFOQUE DE DESENVOLVIMENTO EXÓGENO E ENDÓGENO**

O processo de financiamento para o desenvolvimento em todos os países África Ocidental na década de 1980 até hoje, depois da reforma de reajustamento estrutural, segundo Gaye *et al.* (2015), passaram a priorizar o apoio externo e Investimento Estrangeiro Direto (IED), da política industrial, comercial e tecnológica (ICT) de *laissez-faire* e de comércio livre, chamado por Chang (2004) como “políticas boas” recomendadas por países desenvolvido para serem aplicados nos países em desenvolvimento.

Assim, a política industrial, comércio e tecnologia intervencionista (ICT), tornou-se conflitante e não recomendados pelos países atualmente desenvolvido por países em desenvolvimento incluindo os da UEMOA. Num olhar atento é razoável afirmar que o que a maioria dos países africanos em especial os países da UEMOA deveriam priorizar é desenvolver o mecanismo de incentivo da popança interna. Este mecanismo pode ajudar a



reduzir a dependência dos IED e alavancar os investimentos com a sua própria poupança. Neste particular, pode-se aplicar a formula indicado pro Sicsú (2009), a administração fiscal que favorece o investimento e a industrialização mais sofisticada, aquela que busca manter a economia em estado de *semi-boom* permanente, através de uma política de gastos rumo ao pleno emprego.

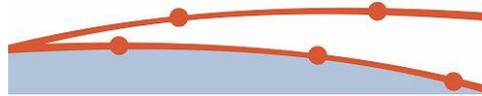
O modelo atual nestes países indica o pacote Neoliberal de Estado mínimo em que tudo é passado para iniciativa privada, o que torna mais vulnerável o Estado e implica apostar em maior desigualdade social. Para Chang (2004), esta recomendação se contradiz, na medida em que muitos deles protegeram suas indústrias com muito mais vigor do que atual países em desenvolvimento. Portanto, o setor público forte, iniciativa privado forte e as universidades com capacidade de implementar pesquisa importantes permitirá o desenvolvimento dos países da UEMOA.

O desenvolvimento com impulso das forças exógenos e endógenos apresentam claramente uma dinâmica diferente capaz de maximizar num período reduzido o processo de desenvolvimento de uma região. A Ashley e Maxwell (2001), constataram estas mudanças nas áreas rurais, particularmente na demografia, diversificação e fortalecimento de *linkages* entre as áreas rurais e urbanas as economias nacionais e globais e outras.

Para Markusen (2004), tanto rural como urbana as duas forças são importantes, as forças dos atores e instituições que funcionam como agente decisório: atores empresas (atuam na qualidade da principal unidade de decisão privado) e o sindicato, ONGs e associações (como representantes dos trabalhadores). Na visão de Bebbington (1999) e Van der Plog *et al.* (2000), assinalam que os meios de subsistência rurais devem ser compreendidos em termos de acesso das pessoas aos recursos. Bebbington (1999), acentua ainda a necessidade de conhecer as formas pelas quais se implantam e aprimoram as capacidades dos atores.

Em longo prazo, segundo Oliveira e Lima (2003), o processo de desenvolvimento de uma região consegue ser explicado mediante a interação de três forças: as forças alocadoras de recursos, as políticas econômicas e a ativação social. Terluin (2003), afirma que a abordagem mista do desenvolvimento exógeno/endógeno é amplamente apoiada por evidências empíricas dos estudos de caso.

Sen (2000), Bebbington (1999), Ellis (2000), Van der Plog *et al.* (2000), defendem que o desenvolvimento local está associado a disponibilidade e a facilidade de acesso as



diferentes capitais: Capital Financeiro, Capital Físico, Capital Cultural, Capital Natural, Capital Social e por fim Capital Humano.

Para North (1955, 1977), o papel da agricultura na composição da base de exportação dos Estados Unidos foi muito importante para o desenvolvimento econômico e industrial daquele país. A organização local dos produtores, o papel dos estados e do governo federal por apoio no financiamento da construção de estradas rurais, dos portos e financiamento agrícola (facilidade de crédito) jogaram papel primordial na produção norte-americana.

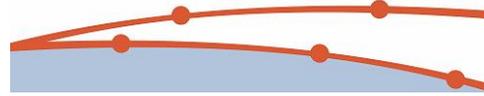
Desta forma, Van der Ploeg *et al.* (2000), considera que o desenvolvimento rural pode ser construído de forma muito eficaz usando a inovação e as habilidades empresariais presentes no próprio setor agrícola. Os agricultores, em alguns casos, como dos países europeus, têm acesso aos recursos e à experiência necessários para reconfigurar as antigas e criar novas forma de produção. Assim, dentro do setor, é possível desenvolver novas práticas, capacitar os agricultores para criarem associações, cooperações e trabalharem em forma de rede, operacionalizar as relações historicamente a que eles pertencem.

#### **4. DELIMITAÇÃO METODOLÓGICA: AS MEDIDAS DE LOCALIZAÇÃO E DE REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA**

As medidas utilizadas na análise regional, para identificar a especialização produtiva e a espacialização das atividades agropecuárias entre os países da UEMOA são: o Quociente Locacional (QL), o Coeficiente de Localização (CL), Coeficiente de Redistribuição (CR), Coeficiente de Especialização (CE) e o Coeficiente de Reestruturação (CReest).

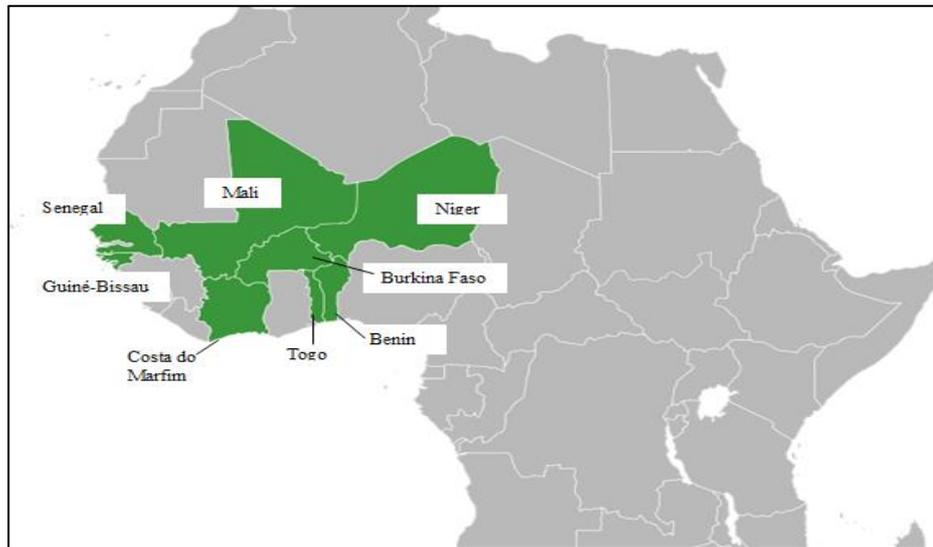
Neste trabalho, Quociente de Localização (QL), foi aplicado na comparação da participação percentual de Valor Bruto da Produção dos oito países da UEMOA com a participação percentual da região da União como um todo. Para o QL compara a concentração de emprego de uma determinada indústria em uma área (economia objeto, as regiões) com outra área (economia de referência).

Para North (1977), Haddad (1989), Delgado e Godinho (2011) e Alves (2012), se  $QL < 1$ , também indicará que não está concentrado o emprego na região e a região detém uma importância relativa inferior a que detém a região de referência nesta atividade. No caso do trabalho, ao indicar  $QL > 1$ , sinalizará que há concentração de Valor Bruto da Produção (renda bruta) das atividades analisadas nesta região, caso contrário, sinalizará a baixa concentração do VBP e que existe uma importância inferior comparado a região da UEMOA.



Neste trabalho se utiliza de dados secundários, do VBP, sendo que os mesmos foram, coletados da base de dados da FAOSTATS e BANCO MUNDIAL, para os anos de 1991, 2001, 2010 e 2016, para os oito países que constituem a UEMOA<sup>1</sup> que constituem o objeto de estudo desta tese, destacados na Figura 01.

Figura 01 - A localização geográfica dos oito países da UEMOA



Fonte: adapta da UEMOA.

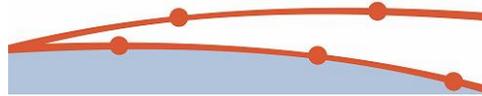
A Figura 01 ilustra os oito países da UEMOA, considerados pelo Tratado Modificado de 29 de janeiro de 2003. Assim, foram analisadas VBP das 15<sup>2</sup> principais atividades agrícolas da região. Segundo Simões (2006) e Silva (2013), o **Quociente Locacional (QL)** é utilizado geralmente em diagnósticos iniciais para as políticas de descentralização industrial de um determinado país e para caracterizar o padrão regional da distribuição espacial. A sua fórmula de cálculo é assim apresentada:

$$QL_{ij} = \frac{E_{ij} / \sum_i E_{it}}{\sum_j E_{ij} / \sum_i \sum_j E_{ij}} \quad (1)$$

Em que:

<sup>1</sup> Benin, Burkina Faso, Costa do Marfim, Guiné-Bissau, Mali, Níger, Senegal e Togo.

<sup>2</sup> Atividades: amendoim com casca (cc), arrozal, carne indígena (gado), carne indígena (porco), castanha de caju com casca (cc), ervilhas secas, feijão seco, fiapos de algodão, grãos de cacau, inhame, leite (fresco), mandioca, milho, painço, sorgo e as demais atividades.



$E_{ij}$  = Valor Bruto da produção  $i$  da região  $j$ ;  $\sum_i E_{it}$  = Total do Valor Bruto da Produção na região  $j$ ;  $\sum_j E_{ij}$  = Valor Bruto da Produção do setor  $i$  na macrorregião (UEMOA);  $\sum_i \sum_j E_{ij}$  = Total de Valor Bruto da Produção na macrorregião (UEMOA).

Num segundo momento, foi feito o cálculo de **Coefficiente de Localização (CL)**, este indicador permite, de certa forma, identificar o grau de dispersão relativa das atividades econômicas. O CL é analisado seguindo o seguinte critério, quanto mais próximo de 0, o setor estará distribuído regionalmente de forma semelhante ao conjunto de todos os setores.

No entanto, as três condições são importantes numa análise de CL, que são: setores com baixo, médio e alto CL. CL até 0,2000 são da faixa Baixa; os da CL igual 0,2001 até 0,4000 são da faixa Média e os da CLs > 0,4000 são consideradas da faixa Alta.

$$CL_i = \frac{\sum_i (|j^e_i - j^e_i|)}{2} \quad (2)$$

Em que:

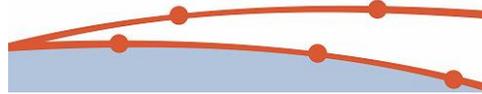
$j^e_i$  = a distribuição percentual de Valor Bruto da Produção na região;  $j^e_i$  = distribuição percentual de Valor Bruto de Produção setorial entre as regiões. A equação é dada por somatório, para todas as regiões, da participação percentual do setor  $i$  da região  $j$ , menos a participação percentual da região de referência  $j$ , divisão por 2.

Por outro lado, o **Coefficiente de Redistribuição (CR)** analisa a distribuição espacial do emprego do setor  $i$  se alterou no período de análise ano 1 e 2. E sua análise permite compreender se existe um padrão de concentração ou dispersão espacial ao longo do período estudado. O critério é se próximo de 0 não terão ocorrido mudanças significativas no período analisado e se próximo de 1 as mudanças terão sido expressivas.

$$CR_i = \frac{\sum_j (|j^e_i^{Ano1} - j^e_i^{Ano2}|)}{2} \quad (3)$$

O CR é a somatória da participação percentual do setor  $i$  da região  $j$  sobre a região de referência, no ano zero, menos a participação percentual do setor  $i$  da região  $j$  sobre a região de referência, dividido por dois (02).

Assim, como os indicadores anteriores o **Coefficiente de Especialização (CE)** analisa se as estruturas produtivas das regiões (países da União) são similares à estrutura das atividades produtivas da região de referência (UEMOA). A forma de examinar é comparar a estrutura produtiva da região  $j$  com a estrutura produtiva da UEMOA. Se esta for próximo de 0 a região tem composição setorial semelhante à da UEMOA e, se for próximo de 1 a região apresenta sua diferença com a da região de referência. Segue a sua fórmula de cálculo.



$$CE_j = \frac{\sum_i (|i^e_j - i^e|)}{2} \quad (4)$$

O CE, comporta a somatória de todos os setores, da participação percentual do setor  $i$  na região  $j$ , menos a participação percentual do setor  $i$  na região referência, dividido por dois.

Por fim, ao calcular o **Coefficiente de Reestruturação (CReest.)**, a análise deste indicador implica saber se as estruturas produtivas das regiões alteraram no período de análise do ano (1991 -  $T_0$  e 2001- $T_1$ ), e o segundo grupo do ano (2010- $T_0$  e 2016- $T_1$ ). O modo de interpretar os resultados observados foi considerar se o valor de CReest. foi próximo de 0 considera-se que não houve mudanças na composição setorial da região. E, se foi próximo de 1 indica então que houveram mudanças significativas nos períodos analisados. A sua formula é apresentada como segue:

$$CReest_j = \frac{\sum_i (|i^{T_0}_j - i^{T_1}_j|)}{2} \quad (5)$$

O CReest. é o somatório, de todos os setores, da participação percentual do setor  $i$  na região  $j$  no ano 0, menos a participação percentual do setor  $i$  na mesma região no ao 1. Como assinala Haddad (1989) e Delgado e Godinho (2011), que o CReest. relaciona a estrutura da variável-base numa região  $j$  entre dois períodos, para avaliar a mudança ocorrida no grau da especialização desta região.

O CReest. mostra se ocorreu alteração na estrutura produtiva da região  $j$  durante um determinado período de tempo escolhido para a avaliação. O autor argumenta que se houver alteração na estrutura produtiva, uma das explicações plausíveis apontará que a região  $j$  passou a se especializar num determinado setor  $i$  (ALVES, 2012).

## 5. CARACTERÍSTICAS DAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS DA UEMOA

Os países da UEMOA apresentaram, no geral, um amplo mapa de oscilação de VBP das suas atividades produtivas, mas algumas atividades chamam atenção, caso de Arrozal, sempre com projeto do governo e Castanha de caju com casca pode se dizer que não usufruía de muitos apoios. A distribuição percentual de VBP de Inhame foi o que apresentou maior percentagem (6,84% em 1991; 6,97% em 2001; 6,47% em 2010; e 5,62% em 2016). De certa forma, o Inhame está presente no consumo geral em todos os países da UEMOA.

No caso das Ervilhas secas, este produto mostrava o dinamismo na distribuição percentagem de 1,30% em 1991; 1,33% em 2001; 2,46% em 2010 e 2,54% em 2016. Esta



dinâmica é vista também na distribuição percentual de Castanha de Caju com casca de 0,18% em 1991; 0,78% em 2001; 1,61% em 2010 e 2,51% em 2016. Tal como Ervilhas e Caju, o Milho também foi um dos produtos que apresentou a distribuição percentual crescente de VBP, nestes quatro anos em análise, iniciando com 1,45% em 1991; 1,58% em 2001; 2,01% em 2010 e por fim, 2,35% em 2016.

No entanto, o caso de produção de arroz, foi diferente das outras atividades, considerado elemento indispensável na dieta dos habitantes de África Ocidental. Talvez isso, seja a razão da sua distribuição percentual crescente com 2,42% em 1991; 2,36% em 2001; 3,09% em 2010 e 4,26% em 2016. A produção de Grãos de cacau, vista em maior parte nesta região, na Costa do Marfim, é também produto de exportação, mas diferente dos outros, esta atividade apresentou VBP de 4,42% em 1991; 4,96% em 2001; 4,15% em 2010 e 3,74% em 2016. Na mesma direção segue o Amendoim com casca, a queda de 3,06% em 1991 para 2,94% em 2001, uma pequena recuperação de 3,44% em 2010, e uma nova queda para 2,85% em 2016.

## 5.1 QUOCIENTE LOCACIONAL

De acordo com a Tabela 01, os países da União apresentaram o número relevante dos  $QLs > 1$ , e, o número mínimo por cada país, e em cada período analisado foi quatro (4) e o máximo nove (9), nas 15 atividades. Com o menor número de  $QLs > 1$ , foi a Guiné-Bissau, em cada período nos quatros anos de análise (4 em 1991, 2001, 2010 e; 5  $QLs > 1$  em 2016. Em terceiro e empatados estão Benin, Burkina Faso e Níger com 24 indicadores acima/maior que 1, cada.

O mercado de trabalho rural, portanto, ainda permanece dominado pela agricultura familiar para o auto-sustento e autoconsumo e venda do excedente, que consolida o "primeiro emprego" dos jovens e configura-se como a principal fonte de renda familiar. Ainda com a importância da agricultura de subsistência e sobrevivência na economia rural e sua contribuição como a maior geradora do emprego e renda, as áreas rurais esvaziam seus jovens e mulheres em busca de um trabalho mais remunerado, nos centros urbanos (HATHIE *et al.*, 2015).

Como todos os países da UEMOA apresentados até aqui, muitos tiveram  $QLs > 1$ , como mostra a Tabela 01, superior a seis num dos períodos analisados. Portanto, numa análise individualizada dos quatro períodos: em Burkina Faso em 1991, haviam 7  $QLs > 1$ , sendo que



em 2001, 2010 e 2016, foram 8 QLS>1 em cada período, com destaque na produção de Sorgo, das ervilhas secas, de Carne Suína, de fiapos de algodão e milho.

Como outro país com QLS>1, o Mali destaca suas diversidades nas atividades produtivas da agropecuária. Em 1991, haviam 8 QLS>1; em 2001, foram 3; em 2010, apareceram 9; e em 2016, foram 8 os QLS>1. No entanto, as atividades com o maior destaque eram a produção de Feijão Seca, Arroz, Fiapos de Algodão, Carne de Gado, Leite fresca, Sorgo, Painço, por fim as demais atividades.

A Guiné-Bissau apresentou menor números de QLS>1 mas também foi o único com um dos QLS acima de 33, em 1991. Este país apresentou 4 QLS>1 também foram o mesmo número em 2001 e 2010, aumentaram para 5 em 2016, com maior destaque na produção da Castanha de Caju, Carne Suína, Leite fresca, Arroz e amendoim.

Tabela 01 - Quociente Locacional de Valor Bruto da Produção das 15 principais atividades agropecuárias, na UEMOA - 1991/2001/2010/2016

Atividades	BENIN				BURKINA FASO				COSTA DO MARFIM				GUINÉ-BISSAU				MALI				NÍGER				SENEGAL				TOGO			
	1991	2001	2010	2016	1991	2001	2010	2016	1991	2001	2010	2016	1991	2001	2010	2016	1991	2001	2010	2016	1991	2001	2010	2016	1991	2001	2010	2016	1991	2001	2010	2016
Amendoim com casca	0,62	0,66	0,54	0,45	0,70	<b>1,52</b>	<b>1,02</b>	<b>1,16</b>	0,15	0,13	0,12	0,14	0,73	0,73	0,75	<b>1,01</b>	0,84	0,53	0,71	0,71	0,33	0,38	0,90	<b>1,08</b>	<b>6,50</b>	<b>6,92</b>	<b>5,84</b>	<b>4,35</b>	0,39	0,47	0,38	<b>3,92</b>
Arrozal	0,07	0,22	0,30	0,38	0,21	0,43	0,56	0,49	<b>1,22</b>	0,87	<b>1,07</b>	0,95	<b>4,74</b>	<b>2,29</b>	<b>2,99</b>	<b>1,73</b>	<b>1,61</b>	<b>2,73</b>	<b>2,02</b>	<b>2,20</b>	0,43	0,27	0,11	0,03	<b>1,19</b>	<b>1,24</b>	<b>1,88</b>	<b>2,22</b>	0,56	0,59	0,62	0,34
Carne de gado	0,47	0,36	0,42	0,50	<b>1,90</b>	<b>1,86</b>	<b>1,77</b>	<b>1,37</b>	0,18	0,12	0,17	0,21	0,69	0,61	0,61	0,77	<b>1,74</b>	<b>1,38</b>	<b>1,63</b>	<b>1,74</b>	<b>1,82</b>	<b>2,68</b>	<b>1,84</b>	<b>1,88</b>	<b>1,48</b>	<b>1,40</b>	0,97	<b>1,07</b>	0,27	0,26	0,35	0,07
Carne suíno	<b>1,29</b>	0,48	0,53	0,43	<b>1,59</b>	<b>3,01</b>	<b>3,09</b>	<b>2,89</b>	0,65	0,31	0,30	0,24	<b>11,65</b>	<b>10,06</b>	<b>9,37</b>	<b>8,74</b>	0,23	0,23	0,19	0,13	0,26	0,17	0,11	0,09	0,75	<b>1,93</b>	<b>1,60</b>	<b>1,79</b>	<b>2,94</b>	<b>2,08</b>	<b>2,66</b>	<b>5,94</b>
Castanha de caju	<b>1,09</b>	<b>1,59</b>	<b>1,47</b>	0,91	0,46	0,26	0,26	0,60	0,58	<b>1,15</b>	<b>2,03</b>	<b>1,73</b>	<b>33,11</b>	<b>21,88</b>	<b>10,43</b>	<b>7,63</b>	0,03	0,05	0,11	0,69	0,00	0,00	0,00	0,00	0,87	0,23	0,11	0,09	0,21	0,02	0,17	<b>1,13</b>
Ervilhas secas	0,00	0,00	0,00	0,00	<b>3,10</b>	<b>3,11</b>	<b>1,94</b>	<b>1,75</b>	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,01	0,41	0,61	0,30	0,23	<b>4,88</b>	<b>3,89</b>	<b>4,10</b>	<b>3,95</b>	0,26	0,41	0,23	0,31	0,00	0,00	0,00	<b>2,49</b>
Feijão seco	<b>1,73</b>	<b>1,81</b>	<b>2,71</b>	<b>1,70</b>	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,17	0,31	0,26	0,00	0,00	0,00	0,00	<b>4,31</b>	<b>3,76</b>	<b>2,28</b>	<b>1,74</b>	0,05	0,17	0,21	0,24	0,00	0,00	0,00	0,00	<b>1,13</b>	<b>2,38</b>	<b>4,53</b>	<b>7,72</b>
Fiapos de algodão	<b>1,76</b>	<b>1,76</b>	<b>1,04</b>	<b>1,09</b>	<b>1,37</b>	<b>1,37</b>	<b>3,54</b>	<b>2,96</b>	0,77	0,52	0,66	0,55	0,13	0,13	0,19	0,11	<b>1,46</b>	<b>2,16</b>	<b>1,14</b>	<b>1,43</b>	0,02	0,06	0,02	0,03	0,51	0,28	0,28	0,21	<b>2,05</b>	<b>1,76</b>	0,81	<b>1,92</b>
Grãos de cacau	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	<b>2,90</b>	<b>2,95</b>	<b>3,21</b>	<b>3,36</b>	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,12	0,17	<b>1,58</b>	0,41
inhame	<b>2,49</b>	<b>2,12</b>	<b>2,73</b>	<b>2,88</b>	0,06	0,08	0,09	0,04	<b>1,95</b>	<b>1,95</b>	<b>2,10</b>	<b>2,22</b>	0,00	0,00	0,00	0,00	0,02	0,03	0,06	0,07	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	<b>1,69</b>	<b>1,80</b>	<b>1,74</b>	0,08
Leite fresca	0,91	0,71	0,54	0,64	0,76	0,66	0,61	0,76	0,07	0,08	0,06	0,07	<b>8,08</b>	<b>6,62</b>	<b>4,53</b>	<b>5,76</b>	<b>1,43</b>	<b>1,39</b>	<b>2,06</b>	0,98	<b>2,04</b>	<b>2,31</b>	<b>1,70</b>	<b>2,13</b>	<b>1,29</b>	<b>1,39</b>	<b>1,11</b>	<b>1,27</b>	<b>1,37</b>	<b>1,51</b>	<b>1,01</b>	<b>2,49</b>
Mandioca	<b>3,38</b>	<b>4,09</b>	<b>4,53</b>	<b>4,34</b>	0,01	0,01	0,00	0,01	<b>1,34</b>	<b>1,08</b>	<b>1,13</b>	<b>1,27</b>	0,22	0,34	0,54	0,36	0,00	0,02	0,03	0,07	0,35	0,14	0,10	0,11	0,08	0,31	0,31	0,78	<b>3,50</b>	<b>2,42</b>	<b>2,81</b>	0,95
Milho	<b>2,40</b>	<b>2,09</b>	<b>1,89</b>	<b>1,73</b>	<b>1,48</b>	<b>1,78</b>	<b>1,82</b>	<b>2,09</b>	0,78	0,61	0,45	0,34	0,42	0,57	0,14	0,04	0,77	0,67	<b>1,65</b>	<b>2,04</b>	0,01	0,01	0,01	0,03	0,61	0,49	0,45	0,73	<b>2,74</b>	<b>3,87</b>	<b>2,80</b>	0,36
Painço	0,06	0,06	0,03	0,03	<b>1,68</b>	<b>1,74</b>	<b>1,26</b>	<b>1,30</b>	0,02	0,02	0,02	0,02	0,39	0,34	0,11	0,11	<b>1,14</b>	<b>1,03</b>	<b>1,14</b>	<b>1,22</b>	<b>3,73</b>	<b>3,75</b>	<b>3,13</b>	<b>3,26</b>	<b>1,69</b>	<b>1,49</b>	<b>1,35</b>	<b>1,31</b>	0,25	0,20	0,15	0,00
Sorgo	0,44	0,47	0,30	0,21	<b>3,97</b>	<b>3,74</b>	<b>3,07</b>	<b>2,93</b>	0,03	0,03	0,03	0,03	0,30	0,29	0,19	0,19	<b>1,59</b>	<b>1,06</b>	<b>1,46</b>	<b>1,29</b>	<b>1,05</b>	<b>1,67</b>	<b>1,50</b>	<b>2,08</b>	0,32	0,63	0,38	0,47	<b>1,15</b>	<b>1,09</b>	<b>1,03</b>	0,49
Demais atividades	0,95	0,93	0,95	0,96	0,97	0,96	0,96	0,97	<b>1,03</b>	<b>1,02</b>	<b>1,01</b>	0,99	0,96	0,95	0,93	0,93	<b>1,04</b>	<b>1,07</b>	<b>1,09</b>	<b>1,03</b>	1,00	<b>1,01</b>	<b>1,00</b>	<b>1,04</b>	0,93	0,96	0,98	<b>1,03</b>	0,96	0,93	0,93	0,93

Fonte: Resultados da Pesquisa (2018).



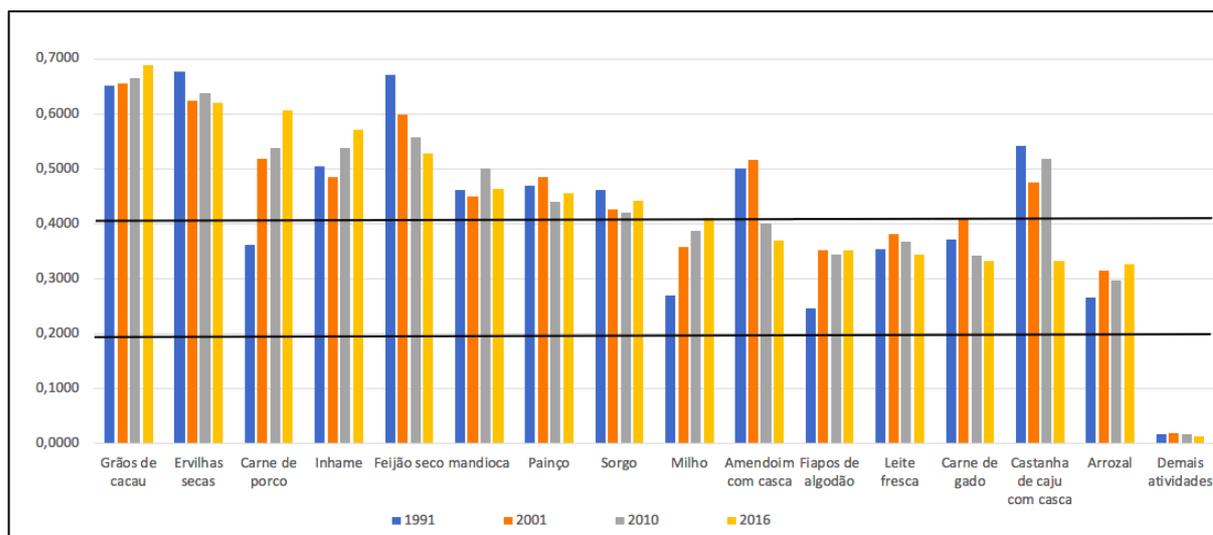
Posto isso, vale seguir nesta análise com a Coeficiente de Localização, para apresentar a distribuição porcentual das ocupações nos países ou se o Valor Bruto da Produção de um dos países é semelhante a distribuição percentual da região.

## 5.2 COEFICIENTE DE LOCALIZAÇÃO

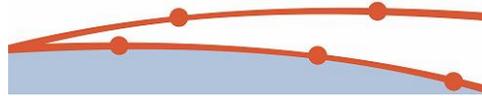
Para a análise deste indicador vale adotar o critério, segundo a literatura, seus valores são melhores compreendidos quando colocados em três faixas distintas: a faixa Alta, Média e Baixa. Neste caso, aplica-se a convenção de que os valores de CL até 0,200 são da faixa Baixa; os da CL igual 0,201 até 0,400 são da faixa Média e os da CLs > 0,400 são consideradas da faixa Alta.

Em 1991, os valores de CL em análise mostraram que todas as quinze atividades selecionadas para esta análise apresentaram valores longe da faixa baixa, ou seja, não houve atividades com valores abaixo de 0,200. Assim, as atividades com valores médios em 1991 foram: Carne suína 0,3611; Milho 0,2706; Fiapos de algodão 0,2468; Leite fresca 0,3544; Carne de gado 0,3722 e Arroz 0,2658. Todavia, olhando a planilha de QLs, constata-se que as atividades nesta faixa tiveram QLs > 1, em 4 países, considerado 50% dos países da União.

Gráfico 01 - Coeficiente de localização das 15 principais atividades agropecuárias, na UEMOA 1991/2016



Fonte: Resultados da Pesquisa (2018).



A faixa alta contou com nove atividades, entre os quais destacam-se Grãos de cacau que demonstra uma tendência a concentração VBP, com valor CL de 0,6517; Ervilhas secas com 0,6659; Inhame com 0,5037; Feijão seco com 0,6716 só para citar alguns. As atividades nesta faixa, foram as que tiveram os QLS>1, e alguns em um (1) país, como Grãos de cacau, e Ervilhas secas em dois (2). Há também neste grupo atividades nestas condições até em três países (Inhame, Feijão seco, Mandioca e Castanha de caju), que constituem a maioria deles. Seguindo para último ano.

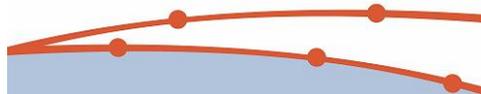
No entanto, só será aqui apontado as informações de 1991 e 2016, os outros dois períodos entende-se que o quadro é bastante informativo e por isso não vale a pena descrever todos os anos que pode deixar o texto mais cansativo para o leitor.

Em 2016, como os anos anteriores entre as quinze atividades não há valores na faixa inicial (baixa), além das Demais atividades com 0,0145. Da mesma forma, na faixa média são seis atividades: Amendoim com casca 0,3701; Fiapos de algodão 0,3515; Leite fresco 0,3451; Carne de gado 0,3332; Castanha de caju com casca 0,3325 e Arroz 0,3265). A novidade é que a Castanha de caju com casca que em 1991, 2001 e 2010 apresentou valores da faixa alta, em 2016 caiu para faixa média.

Como indica o conceito de Coeficiente de Localização, quanto mais o indicador de uma atividade for próximo de zero, mais esta atividade estará sendo distribuída regionalmente. No caso da Castanha de caju, a produção na década de noventa estava concentrada na Guiné-Bissau, mesmo sendo ínfima, pelo fato deste país ter a ligação histórica e cultural dos países que na década de 1970 (o Brasil) e na década e 1980 (Moçambique) dominavam a produção desta atividade no mundo. No ponto seguinte 5.3, analisa-se o Coeficiente de Redistribuição para ajudar a mostrar a existência de padrão de concentração ou dispersão espacial na região da UEMOA.

### **5.3 COEFICIENTE DE REDISTRIBUIÇÃO**

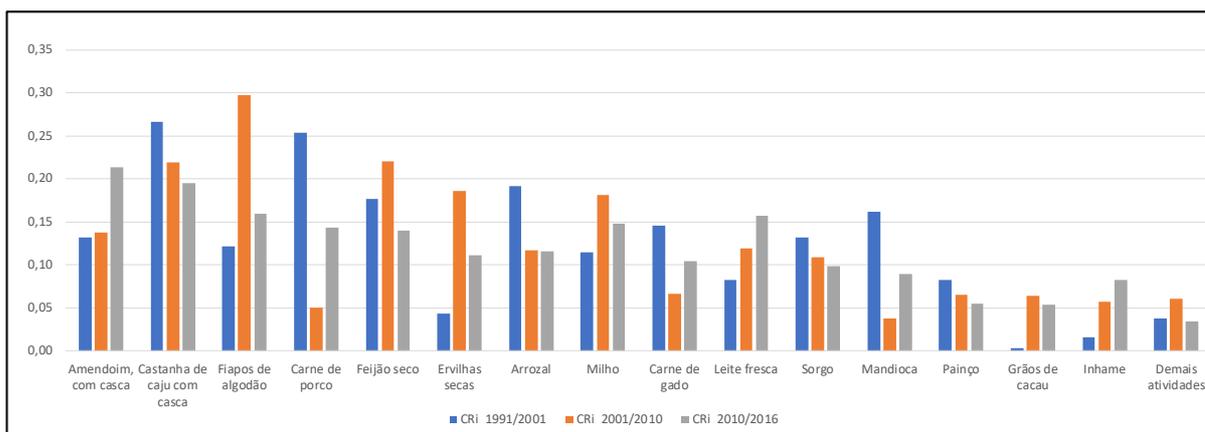
O Coeficiente de Redistribuição (CR) permite saber se a distribuição espacial do Valor Bruto da Produção (VBP) do setor *i* se alterou no período de análise Ano 1 e 2. Objetiva examinar setores, verificar a existência de um padrão de concentração ou dispersão espacial ao longo do tempo (ano 1 para ano 2) na região da UEMOA. Assim, a Castanha de caju com casca e Carne suína foram as atividades que apresentaram maiores mudanças nos anos 1991/2001. Neste instante, a fotografia que fica na análise de CR, indica as rápidas mudanças



desta atividade nesta região, assinalado por valor de CR (0,27) a dispersão de cultivo deste produto neste intervalo. O Gráfico 02 apresenta a dinâmica do CR nos três períodos agrupados, que assinala mudanças em certos períodos, tanto para dispersão, como também aquelas atividades que se retraíram para concentração.

A Carne de porco também ficou evidente neste período com valor de CR (0,25), que indica a dispersão e consumo deste produto na região. Neste mesmo período 1991/2001, havia também na análise das atividades que apresentaram forte concentração de VBP, sem sinal de nenhuma mudança. Este é o caso dos Grãos de cacau com valor de CR (0,00), confirmando o que foi analisado quando se tratou de CL no ponto 4.2, a sua concentração num só país da região.

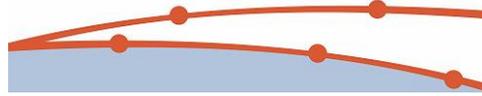
Gráfico 02 - Coeficiente de Redistribuição (CR) das 15 principais atividades agropecuárias na UEMOA 1991/2001- 2001/2010 - 2010/2016



Fonte: Resultados da Pesquisa (2018).

Neste biênio de 2001/2010, a Castanha de caju continua apresentando grandes mudanças com o valor de CR de 0,22, uma pequena redução em relação ao biênio de 1991, 2001. Com a Castanha de caju, também haviam outras atividades como Fiapos de algodão e Feijão seco, a primeira foi o que neste período apresentava o maior CR (0,30) e depois a Feijão que teve o mesmo valor da Castanha de caju (0,22).

Por fim, no biênio 2010/2016, a produção de Amendoim com casca, único com CR (0,21). A dispersão da produção de Amendoim tem a ver com o que nos parágrafos anteriores se falava das mudanças tidas na região com a produção de Caju. Sendo um produto de base de exportação, a atividade da produção de Amendoim tende a dispersar espacialmente na



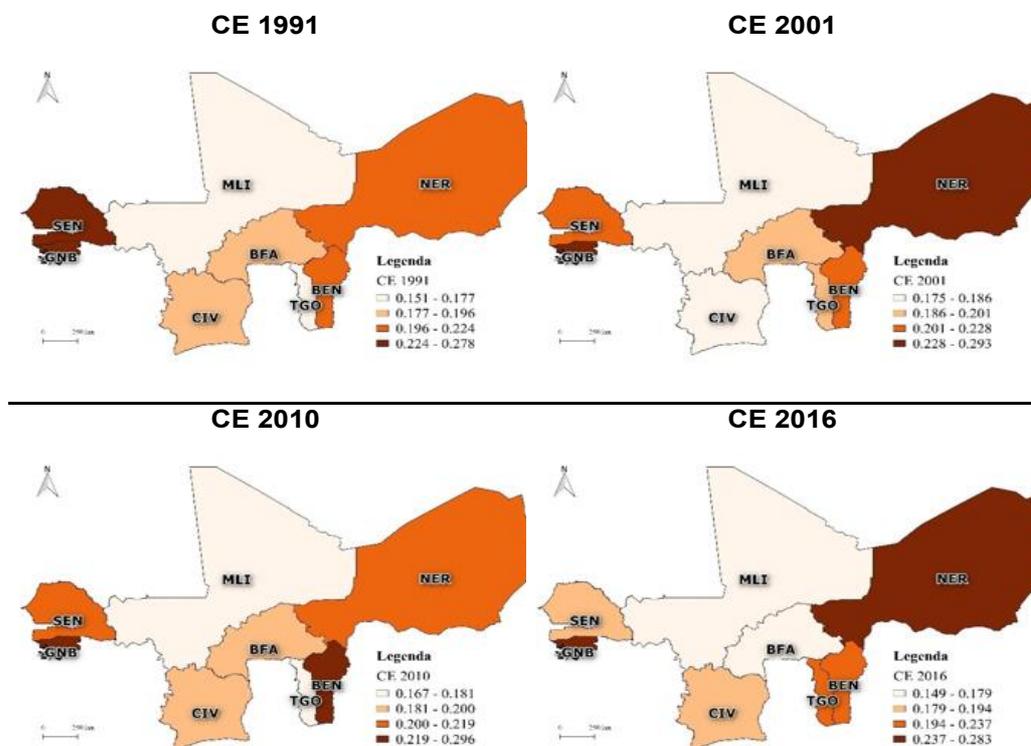
região, ainda que pelo aumento da demanda, mas também pela sua praticidade no cultivo e o clima proporcional que a região oferece.

Por fim, as atividades que neste biênio não apresentaram nenhuma alteração, indicam que o CR está com mais concentração por indicar valores próximo de zero (0,00), Grãos de cacau com CR (0,05); Painço (0,06); Inhame (0,08); Mandioca (0,09) e as demais atividades com CR (0,03). Segue análises do Coeficiente de Especialização para comparar a estrutura produtiva dos países com a da região de referência a UEMOA.

#### **5.4 COEFICIENTE DE ESPECIALIZAÇÃO**

As atividades produtivas praticadas na região da UEMOA são na maioria deles distribuídos nas regiões, dos países. No entanto, algumas ainda são fortemente concentrados num só país, caso de Grãos de cacau na Costa do Marfim. A análise de CE tem como exigência verificar se a estrutura produtiva de uma dada região é similar á sua macrorregião de referência, ou seja, se os países apresentam composição setorial próxima a da UEMOA. *A principal indagação é: se as estruturas produtivas dos países são similares à estrutura produtiva da região de referência?* Para responder esta questão, vale a pena seguir com ajuda da CE apresentado numa representação cartográfica na Figura 02.

Figura 02 - Coeficiente de Especialização das 15 principais atividades agropecuárias, na UEMOA - 1991/2001/2010/2016

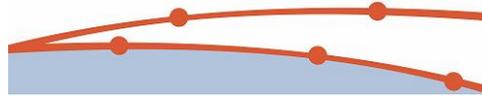


Fonte: Resultados da Pesquisa (2018).

Nota: BEM - Benin, BFA - Burkina Faso, CIV - Costa do Marfim, GNB - Guiné-Bissau, MLI - Mali, NER - Níger, SEN - Senegal e TGO - Togo.

Como assinalado, o CE compara se há semelhança na estrutura produtiva de um país com a estrutura produtiva da região de referência, neste caso a região da UEMOA. Nestes quatro anos constata-se, em 1991, que a estrutura produtiva da Guiné-Bissau estava com o valor da CE (0,278), com maior destaque; seguido por Senegal (0,229); Níger (0,223) e Benin (0,202), sendo estes os países com maiores valores. A Guiné-Bissau neste período tinha como atividades mais importantes a produção de Arroz (11,45%), Leite fresco (9,87%) e Castanha de caju com casca (6,08%) e a UEMOA trazia na produção de Arroz 2,4%, Leite fresco 1,22%, a produção de Castanha de caju com casca 0,18.

Além disso, na UEMOA em 1991, as atividades como a produção de Inhame era 6,87%, Painço 4,39%, Grãos de cacau 4,42%, Carne de gado 4,73% enquanto que na Guiné-Bissau a produção de Inhame era 0,00%, Painço 1,71%, Grãos de cacau 0,00 e a produção de Carne de gado 3,25%. Assim, indicando a tendência de se diferenciar da região de



referência e se especializar em certas atividades. Por outro lado, haviam países com CE mais baixo, como: Mali (0,151); Costa do Marfim (0,790); Togo (0,172) e Burkina Faso (0,190). Neste último grupo, mesmo com valores próximos ao primeiro grupo, podem ser considerados como os que possuem a composição setorial próximo à da região de referência.

No entanto, como mostra a Figura 02, em 2001, como em 1991, continuavam os valores de CE próximos, até semelhantes nestes dois períodos. Do mesmo modo, tanto os que indicam que a estrutura produtiva dos países (com destaque do Guiné-Bissau) e depois seguido (do Níger, Senegal e Benin), se diferenciam da região de referência, assim como os valores de CE dos países (Burkina Faso, Togo, Costa do Marfim e Mali), que se aproximam ou serem iguais à da região da UEMOA, pois apresentam valores próximos um da outra.

No último período, a região da UEMOA tinha em 2016, como atividades com maior destaque as produções de Inhame 5,62%, Arroz 4,26%, Grãos de cacau 3,74%, Carne de gado 3,34% e o Painço 3,25%, enquanto que na Guiné-Bissau estas atividades tinham (0,00%; 7,38%; 0,00%; 2,58%; 0,36%). Noutro grupo com valores de CE que indicam a estrutura produtiva semelhante à da região de referência ficaram: Mali (0,149); Burkina Faso (0,172); Costa do Marfim (0,181); e, Senegal (0,185), também o único neste grupo em todos os períodos de análises.

Para confirmar esta segmentação de algumas atividades permitirem que alguns países apresentassem a estruturas produtivas mais diversificadas, estarem próximo ou serem iguais a da região de referência, decidiu-se também analisar o Coeficiente de Reestruturação (CReest.), no ponto 5.5, para verificar se houveram algumas alterações nas estruturas produtivas entre grupos dos biênios analisados.

## 5.5 COEFICIENTE DE REESTRUTURAÇÃO

Neste ponto, faz-se a análise do Coeficiente de Reestruturação (CReest.), com o intuito de poder avaliar o grau de mudança na especialização da região, ou seja, se houve alguma mudança na estrutura da atividade produtiva num determinado país da UEMOA nos dois períodos de estudo. A Figura 03, apresenta o desempenho dos três biênios para mostrar as transformações na composição setorial de cada país. Estas modificações serão de certa forma, o modo de confirmar o desempenho de cada setor e o papel deste na dinâmica de especialização produtiva na economia regional.

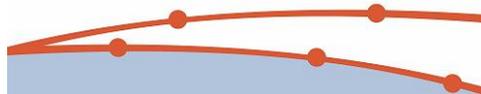
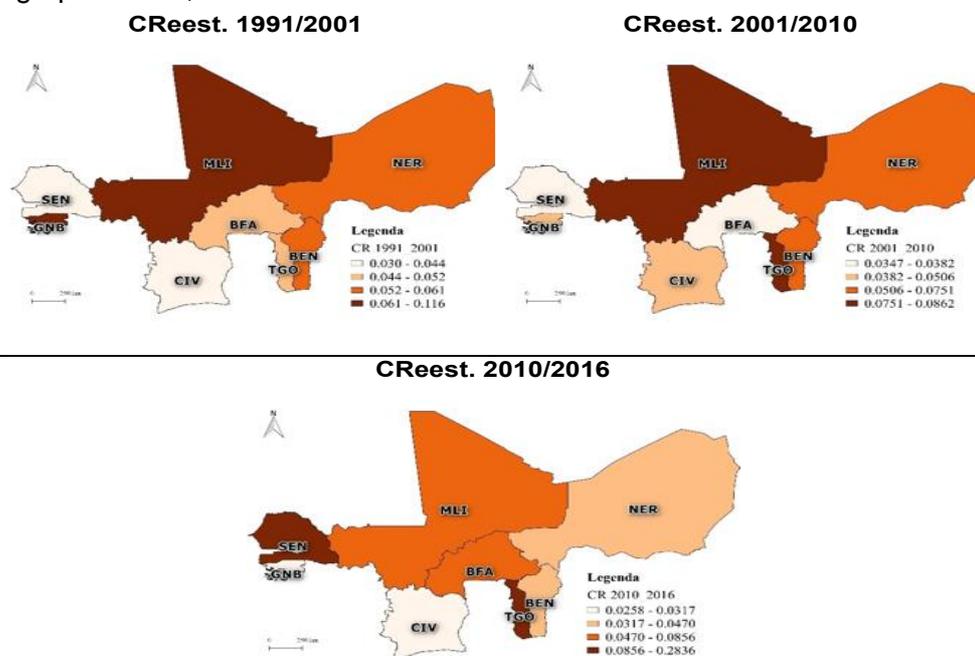


Figura 03 - Coeficiente de Reestruturação (CReest.) das 15 principais atividades agropecuárias, na UEMOA – 1991/2001-2001/2010-2010/2016

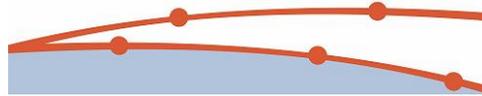


Fonte: Resultados da Pesquisa (2018).

Nota: BEM - Benin, BFA - Burkina Faso, CIV - Costa do Marfim, GNB - Guiné-Bissau, MLI - Mali, NER - Níger, SEN - Senegal e TGO - Togo.

Pelo que está apresentado no Figura 03, no primeiro biênio analisado 1991/2001, foi um período marcado por uma divisão, neste caso, por dois grupos e um *outlier*. O valor de CReest. considerado como *outlier* aqui foi da Guiné-Bissau, com o CReest. 0,116; neste caso indicando a mudança na sua composição setorial da estrutura produtiva do país. Seguido por mais outros três países: Mali com o CReest. (0,076); Benin (0,056) e de Níger (0,054). Por fim, havia outro conjunto de quatro países com CReest. considerado de valor baixo, sugerindo não haver nenhuma alteração na atividade produtiva nestes lugares, como na Costa do Marfim (0,030); Senegal (0,036); Togo (0,046) e, por fim em Burkina Faso (0,050).

No biênio seguinte de análise em 2001/2010, não teve um valor que se pode dizer que é *outlier* como no período anterior, com o valor tido pela Guiné-Bissau. Mas simplesmente consegue-se identificar dois grupos, uma liderado por Mali (com 0,0862); seguido do Togo (0,0831); do Níger (0,0724) e do Benin (0,0551) respetivamente, indicando a ocorrência das pequenas mudanças na estrutura produtiva destes países. E o outro grupo dos países com



CREest. menores visto como lugares em que não haviam ocorridos mudanças, foram Burkina Faso (0,0347); Costa do Marfim (0,0392); e Senegal (0,0354).

No último biênio, em 2010/2016, o país com valor maior, isso em relação a CREest. deste período, foi Togo, com 0,284 indicado ter havido as possíveis mudanças setoriais no país. Seguido dos outros três, países com pequenas alterações sem muita capacidade de fazer grandes mudanças no setor produtivo. Estes países foram Senegal (0,0945); Mali (0,0826) e Burkina Faso (0,0583). Depois deste grupo haviam outros quatro países com valores menores que aqui se considera, sem o potencial de fazer mudanças na sua estrutura produtiva, sendo Benin (0,0328); Costa do Marfim (0,0258); Guiné-Bissau (0,0284); e, por fim, o Níger (0,0357). Os valores de CREest., segundo a literatura indicam que não houveram mudanças na estrutura produtiva do país.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi caracterizar a dinâmica de desenvolvimento, a concentração e a especialização produtiva nas regiões dos oito países da UEMOA, a partir de 1991, 2001, 2010 e 2016. Assim, cada país reflete diferentes dinamismos, de acordo com o potencial de cada uma das atividades, as opções de cultivos, as características do solo, a pressão climática e outros. Com estes indicadores se analisou o Quociente Locacional deste grupo dos países.

Neste quesito, os países da União apresentaram o número relevante dos QLs acima de 1, e, o número mínimo assim apresentado por cada atividade, em cada período avaliado foram quatro (4) QLs>1 e o máximo nove (9), nas 15 atividades analisados. A Guiné-Bissau foi o país que apresentou o menor número de QLs>1, nos quatros anos de análise (4 em 1991, 2001, 2010 e; 5 QLs>1 em 2016).

O Casa de CL o Grãos de cacau e Evilhas secas são os que indicam a tendência de concentração e Arroz e a Castanha de caju com casca os que indicaram mais dispersão nos países de União. No caso de CR a Amendoim e Castanha de caju são atividades que apresentaram maiores mudanças nos três biênios e Inhame e Grãos de cacau as que não tiveram mudanças. O CE apresenta estrutura produtiva da Guiné-Bissau, Senegal Mali e Togo diferente (maior) da região da UEMOA, nos quatro períodos.

O país com maior CREest. em 1991/2001, Guiné-Bissau (0,116) que sinalizou ter havido as mudanças na sua estrutura produtiva; em 2001/2010 Guiné-Bissau apresentou o

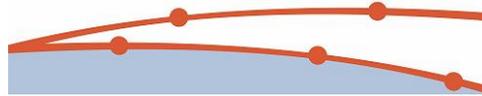


maior valor (0,0862); e, por fim, em 2010/2016, Togo apresentou maior valor CReest. (0,2836), também indicando as pequenas alterações de um período para outro.

No entanto, com as incidências populacionais maiores no meio rural na região, as ocupações dominadas pelo setor agrícola e alguns países se especializando em atividade agrícola, caracterizando assim a localização e a especialização produtiva da região. Assim, esta conjuntura indica a superação da região da referência, importa que os tomadores de decisões possam aumentar os investimentos: na educação e tecnologia da agricultura, nas infraestruturas e projetos práticos de desenvolvimento.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Lucir. Indicadores de desigualdades regionais. In. PIACENTI e FERRA DE LIMA. Análise regional: metodologia e indicadores. Curitiba, PR: Camões, 2012.
- ALVES, Lucir Reinaldo. **Reestruturação produtiva e desenvolvimento local -o caso do Município de Toledo, Estado do Paraná, Brasil.** 533 p. Tese (Doutorado em Geografia, especialidade em Planejamento Urbano e Regional). Universidade de Lisboa, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, 2016.
- ASHLEY, Caroline e MAXWELL, Simon. Rethinking Rural Development. **Development Policy Review**, v.19, n°4, 2001, p. 395-425.
- BEBBINGTON, Anthony. Capitals and Capabilities: A Framework for Analyzing Peasant Viability, Rural Livelihoods and Poverty. **World Development**, v. 27, n°. 12, 1999, p. 2021-20449.
- CRUZ LIMA, Ana Carolina da; SIMÕES, Rodrigo Ferreira. Teorias clássicas do desenvolvimento regional e suas implicações de política econômica: o caso do Brasil. **RDE-Revista de Desenvolvimento Econômico**. Ano XII, n. 21, Julho de 2010, Salvador, BA.
- CHANG, Ha-Joon. **Chutando a escada: a estratégia do desenvolvimento em perspectivas histórica.** São Paulo: Ed. Unesp, 2004.
- DESBIENS, Y; FERRERA DE LIMA, J. Cadrage du développement regional. **Interfaces**. Porto Alegre/Quebec, vol. 03, 2004.
- DELGADO, A. P.; GODINHO, I. M. Medida de localização das atividades e de especialização regional. In. COSTA, J. S.; DENTINHO, T. P.; Nijkamp, P.(Orgs). **Compêndio de Economia Regional- Volume II: métodos e técnicas de análise regional.** Caisais: Prícipia, 2011.
- EBERHARDT, L. D.; CARVALHO, M. de. Gestão do trabalho e organização coletiva de trabalhadores do Setor público de saúde. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 14, supl. 1, 2016. p. 45-65.



ELLIS, F. Rural livelihoods and diversity in developing countries. Oxford: Oxford University Press, 2000.

FURTADO, C. Desenvolvimento e subdesenvolvimento. Rio de Janeiro: Fundo de cultura, 1965, p. 253.

GAYE, A. T.; LO, H. M.; SAKHO-DJIMBIRA, S.; FALL, M. S.; NDIAYE, I. Sênegal: Revue du contexte socioéconomique, politique et environnemental, Out 2015.

HADDAD, Paulo R. Capitais intangíveis e desenvolvimento regional. **Revista de Economia-UFPR**, v. 35, n. 3 (ano 33), set./dez. 2009, p. 119-146.

HATHIE, I.; Dr. Wade I.; Ba; S.; Niang, A.; Niang, M.; Sow, M. K.; Ndione, Y. C.; Ba, C. O. Rapport final – Sênegal, Abril, 2015.

HIRSCHMAN, Albert. Transmissão inter-regional e internacional do crescimento econômico. In: SCHWARTZMAN, Jacques (Orgs). **Economia Regional: textos escolhidos**, Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1977.

LIBERATO, Rita de Cássia. Revisando os modelos e as teorias da análise regional. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 18, n. 29, 2o sem. 2008, p. 127-136.

MARKUSEN, A. Mudança econômica regional segundo o enfoque centrado no ator. In: DINIZ e LEMOS (Org). **Economia e território**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

MYRDAL, G. **Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas**. Rio de Janeiro: Saga, 1957.

NSOULI, S. M. Ajuste estrutural na África subsaariana: Questões de políticas e desafios para os anos 90. *Finanças & Desenvolvimento*, Set.1989.

NOBRE, F. de La V. R. De Portugal sobre a realidade africana: o ponto de vista de Fernando Nobre. Bamako e Djourou. Abril, 2007. IN. COLOQUIO: Pobreza, Dívida Externa e as três Instituições Irmãs FMI, OMC E BANCO MUNDIAL. Ciclo Internacional de Cinema, Debate e colóquios na FEUC 2006 - 2007.

KOHL, C. Construindo a nação na África pós-colonial: o exemplo de Guiné-Bissau. **Cadernos de Estudos Africanos**, n. 20, jan. 2011, p. 39-71.

OLIVEIRA, G. B. de; LIMA, J. E. de S. Elementos endógenos do desenvolvimento regional: considerações sobre o papel da sociedade local no processo de desenvolvimento sustentável. **Rev. FAE**, Curitiba, v.6, n.º. 2, maio/dez. 2003, p. 29-37.

PERROUX, François. *Note sur la notion de pôle de croissance*. **Tradução com permissão da Revista Brasileira de Estudos Políticos**. Economie appliquée, 1955.

\_\_\_\_\_. O conceito de polo de crescimento. In: SCHWARTZMAN, Jacques. **Economia Regional: textos escolhidos**, Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1977.

PAELINCK, J. A teoria do desenvolvimento regional polarizado. In: SCHWARTZMAN, Jacques. **Economia Regional: textos escolhidos**, Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1977.



PEREIRA, J. M. M. O Banco Mundial e a construção política dos programas de ajustamento estrutural nos anos 1980. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 33, nº 65, p. 359-381-2013.

PIFFER, M. **A teoria da base econômica e o desenvolvimento regional do Estado do Paraná no final do século XX**. 167f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul, UNISC, Santa Cruz do Sul, 2009.

SICSÚ, João. A Construção de uma estratégia de desenvolvimento. In. **SICSÚ** e CASTELAR (Org.). Sociedade e economia: estratégias de crescimento e desenvolvimento – Brasília: Ipea, 2009.

TERLUIN, Ida J. Differences in economic development in rural regions of advanced countries: an overview and critical analysis of theories. **Journal of Rural Studies**, v. 19, 2003, p. 327-344.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, R. G. da. Reestruturação produtiva e especialização geográfica na microrregião do agreste de lagarto. **ANOVI**, nº 08, set. 2013, p. 140- 157.

SIMÕES, R. F. Métodos de análise regional e urbana: diagnóstico aplicado ao planejamento/Rodrigo Simões. - Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2006.

UEMOA. Portant ouverture, organisation et fonctionnement du guichet agricole au sein du Fonds d'Aide à l'Intégration Régionale (FAIR). Le conseil des ministres de l'union économique et monétaire ouest africaine (UEMOA). Dakar: 27 Jan., 2003.

VAN DER PLOEG. J. D.; RENTING, H.; BRUNORI, G.; KNICKEL, K.; MANNION J.; MARSDEN, T.; ROEST, K. de; SEVILLA-GUZMÁN, E.; VENTURA, F. Rural Development: From Practices and Policies towards Theory. **Sociologia Ruralis**, v. 40, nº 4, Oct., 2000, p. 392-408.